



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ALMIR CORDEIRO DA SILVA
SÂMIA SILVA DA COSTA

ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO
SOBRE AS MUDANÇAS SOCIAIS NA COMUNIDADE DO MARUANUM

Macapá – AP
2013

ALMIR CORDEIRO DA SILVA
SÂMIA SILVA DA COSTA

ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO
SOBRE AS MUDANÇAS SOCIAIS NA COMUNIDADE DO MARUANUM

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, atendendo requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

Orientador: Prof.º Dr. José Maria da Silva

Macapá – AP

2013

**ALMIR CORDEIRO DA SILVA
SÂMIA SILVA DA COSTA**

**ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO
SOBRE AS MUDANÇAS SOCIAIS NA COMUNIDADE DO MARUANUM**

Monografia apresentada como pré-requisito para
obtenção do Título de Licenciatura Plena e
Bacharelado em Ciências Sociais pela
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP,
submetida à aprovação da Banca Examinadora
composta pelos seguintes membros:

Em: ____ / ____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Orientador: Dr. José Maria da Silva - UNIFAP

Prof^o. Dr. Manoel de Jesus de Sousa Pinto - UNIFAP

Prof^o. Esp. Raimundo de Lima Brito - UNIFAP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

Costa, Sâmia Silva da.

Entre a tradição e a modernidade: um estudo antropológico sobre as mudanças sociais na comunidade do Maruanum / Sâmia Silva da Costa, Almir Cordeiro da Silva; orientador José Maria da Silva. Macapá, 2013.

49p.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Pró-Reitoria de Ensino de Graduação, Curso de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Antropologia – Amapá. 2. Antropologia cultural e social. 3. Relações culturais. 4. Modernidade e tradição. I. Silva, Almir Cordeiro da. II. Silva, José Maria da, (orient). III. Fundação Universidade Federal do Amapá. IV. Título.

CDD. 22.ed. 306

DEDICATÓRIA

Ao nosso professor e orientador José Maria da Silva, que nos deu direção para executar este trabalho, e não mediu esforços para estar nos auxiliando passo a passo no desenvolvimento desta pesquisa científica, sempre pautado por um profissionalismo imparcial. Aos professores do colegiado de ciências sociais que buscam sempre capacitar indivíduos que interpretem a realidade social, e busquem alternativas para almejar uma sociedade mais justa e igualitária. Aos amigos e colegas da turma 2008, em que podemos conhecer durante estes anos e ficarão guardados na memória de cada um que conviveu na sala de aula.

A nossa colega e amiga Célia Beatriz que era membra desta equipe de trabalho e não pôde conduzir conosco até a finalização desta pesquisa (defesa) por motivos institucionais. Fica aqui registrado nossos votos de dedicação a esta acadêmica que sempre nos auxiliou nas horas precisas e não mediu esforços nas tarefas do grupo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder saúde necessária para a condução deste trabalho. Aos meus amigos e familiares que me apóiam e me apoiaram nas horas precisas. Aos amigos e irmãos da instituição religiosa a qual pertenço em que me deram estímulo, e acreditaram em minha capacidade de vencer. Aos moradores do Maruanum que foram bastante receptivos nas conversas em suas residências, e em especial ao Sr. Massami Fujichima, a Sr. Aldenora, e a Dona Nazinha que nos acolheram em suas casas durante as pesquisas a campo com a certeza de que este trabalho obteria êxito.

Almir Cordeiro da Silva

Primeiramente a Deus, por conceder-me a vida e determinação para vencer cada um dos obstáculos que surgiram em meu caminho. Aos meus pais e irmãos por sempre estarem me apoiando. Ao meu avô que no decorrer da pesquisa sempre estava do meu lado perguntando se estava precisando de alguma coisa. As minhas tias que prontamente cediam suas casas durante as pesquisas de campo. Aos meus colegas Almir Cordeiro e Célia Beatriz, pois sem eles este sonho não teria se tornado realidade em minha vida. Ao professor José Maria que prontamente aceitou nos orientar, e nos guiou para além das teorias.

Sâmia Silva da Costa

Epígrafe

“Há uma série de fenômenos muito importantes que, provavelmente, não podem ser registrados através de questionários ou documentos estatísticos, mas têm que ser observados em sua plena realização.”

(Bronislaw Malinowski)

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa antropológica realizada no Distrito do Maruanum, município de Macapá, estado do Amapá, Brasil. A pesquisa delimitou-se a comunidade do Carmo do Maruanum pertencente ao referido distrito. Considera-se que essa investigação se torna necessária no que tange a descrição minuciosa das comunidades tradicionais e suas respectivas mudanças no aspecto cultural e social ocasionada pelos fatores internos, e os elementos externos como a inclusão do aparato da modernidade representado pelas novas tecnologias (internet, televisão, celular). O instrumento de coleta e análise de dados foram: referências bibliográficas, observação participante, utilização de diário de campo, registro fotográfico, entrevistas e conversas informais. Os resultados alcançados através das análises e interpretações do cotidiano maruanense constataram-se a ocorrência do conflito de gerações entre os mais velhos e os jovens, os primeiros primam em preservar os hábitos e tradição cultural, já os últimos possuem o foco para os novos estilos musicais, modas, desprezando os costumes praticados por seus antecessores, bem como o seu contexto cultural. A importância deste estudo antropológico se concentra na demonstração de como os elementos modernos vêm afetando as comunidades simples do Estado do Amapá, e de que forma seus objetos trazem as transformações para tais comunidades, do mesmo modo visa enriquecer os trabalhos na linha antropológica, ligados à cultura local.

Palavras-Chave: Antropologia. Maruanum. Modernidade. Tradição. Mudança Social.

ABSTRACT

The present work it is an anthropological research in Maruanum District, city of Macapa, State of Amapa, Brazil. The study was delimited to the community of Carmel Maruanum belonging to said district. It is considered that such research is needed in regard to the detailed description of traditional communities and their changes in the cultural and social caused by internal factors and external factors such as the inclusion of the apparatus of modernity represented by new technologies (internet, television, mobile). The instrument and data analysis were: references, participant observation, use of field diary, photographic records, interviews and informal conversations. The results obtained through the analyzes and interpretations of everyday maruanense found the occurrence of the generation gap between the older and young people, the first excel in preserving the habits and cultural tradition, since the latter have the focus to new musical styles fashions, disregarding the customs practiced by their predecessors, and its cultural context. The importance of this anthropological study focuses on demonstrating how the modern elements are affecting communities simply the state of Amapá, and how your objects bring changes to these communities likewise aims to enrich the work on the line connected to the anthropological culture site.

Keywords: Anthropology. Maruanum. Modernity. Tradition. Social Change.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 – A COMUNIDADE DO CARMO DO MARUANUM	12
1.1 – Origem da comunidade	13
1.2 – Infraestrutura	14
1.3 – Características socioeconômicas	16
1.4 – Educação	18
2 – ASPECTOS SOCIOCULTURAIS	21
2.1 – Família e sociabilidade no Maruanum	21
2.2 – O cotidiano dos Moradores	27
2.3 – Aspectos Culturais do Maruanum: artefatos e festas	28
2.4 – Festividades e religiosidade na Comunidade do Maruanum	30
3 – MODERNIDADE E TRADIÇÃO	38
3.1 – O que é modernidade?	38
3.2 – O que é tradição?	39
3.3 – Novos hábitos e sociabilidade atual no Maruanum	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema: “Entre a tradição e a modernidade: Um estudo antropológico sobre as mudanças sociais na comunidade do Maruanum”, localidade pertencente ao distrito do Maruanum, Macapá, Estado do Amapá, Brasil. A pesquisa traz como um de seus objetivos a exposição das interferências que os elementos da modernidade causam no tradicionalismo.

Quando se fala em processo de avanço da tecnologia, pensa-se logo nas áreas urbanas, esquecendo que também este fenômeno atinge as comunidades tradicionais, mas de forma lenta, em que ao passar dos anos, novos valores e costumes são absorvidos. Deste modo, demonstra-se a importância da pesquisa, que permitirá lançar um olhar crítico para tais mudanças.

Quando se menciona em Distrito do Maruanum, o eixo de pesquisa é sempre voltado as louceiras do maruanum, desprezando-se o contexto social vivido por aquelas mulheres e demais membros participantes da localidade.

Esta pesquisa possui como foco demonstrar que as mudanças de valores não ocorrem por acaso, mas sim como parte de uma nova organização social que cedo ou tarde interfere no tradicional.

Assim, o problema que deu origem a essa investigação surgiu das seguintes indagações: As mudanças decorrentes da chegada dos processos tecnológicos de comunicação de massa trazem malefícios ou benefícios para a comunidade Carmo do Maruanum? De que forma essas mudanças estão sendo vistas pelos moradores da localidade? E quais fatores levam a ocasionar a quebra da continuidade da tradição local?

Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho foi: Analisar a partir dos processos tecnológicos a interferência nos hábitos culturais e sociais da comunidade Carmo do Maruanum, enfocando como os valores tradicionais são perdidos, apreendidos ou substituídos pelos valores modernos decorrentes desses processos. Que especificamente foram: Verificar a inserção de meios tecnológicos e modernos na comunidade do Maruanum. Identificar de que forma houve alterações nos rituais religiosos e de como isso afetou os membros mais tradicionais daquela comunidade. Analisar os hábitos e comportamentos dos jovens e nas relações com os valores dos

mais velhos. Nessa ordem, a importância desta tarefa reside na busca por resultados capazes de sustentar os objetivos almejados.

A pesquisa a ser exposta se deu primeiramente através da revisão bibliográfica, na qual se selecionou obras de referência ao tema abordado com o objetivo de se ter um embasamento que sustente o assunto proposto.

Após isto, partiu-se para a segunda etapa que consistiu em quatro pesquisas a campo, realizadas respectivamente nos dias: 11 ao dia 16/07/2011, dia 12 ao dia 15/01/2012, dia 06 ao dia 12/07/2012, e dia 15 ao dia 18/02/2013, nestas viagens a campo pôde-se observar *in loco* o objeto a ser estudado.

Esta pesquisa é um trabalho antropológico, utilizou-se como metodologia a observação participante, que auxiliou os investigadores a conhecerem verdadeiramente o local da pesquisa. Os instrumentos de coleta foram: materiais bibliográficos, registros fotográficos, diário de campo, entrevistas e conversas informais com alguns moradores da comunidade.

Assim, o trabalho está formatado em três capítulos. O primeiro capítulo denomina-se “A comunidade do Maruanum”, onde se apresenta a comunidade, a origem do nome, a infraestrutura, economia, e o sistema educacional no Distrito. O segundo capítulo refere-se “Aspectos socioculturais” que diz respeito sobre a religiosidade, o cotidiano, os artefatos produzidos ali, e sobre as festas realizadas na localidade. E o terceiro e último capítulo trata-se da “Modernidade e tradição”, em que se utilizou autores para conceitualização de tais termos, neste capítulo elenca-se as devidas interferências no tradicionalismo do povo Maruanense.

1 - A COMUNIDADE DO CARMO DO MARUANUM

O Distrito do Maruanum, nosso objeto de estudo, pertence ao Município de Macapá, localizado ao sudeste do Estado do Amapá distante a 80 km da capital e, de acordo com o censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a comunidade possui uma população de aproximadamente de 969 habitantes. É formada por várias localidades que são: Conceição, Carmo do Maruanum, Torrão, Simião, São Raimundo, São José, Auto Pirativa, São Tomé, Santa Luzia, Santa Maria, Fatima, ilha dos Bois, Mangueiro e São Pedro. Essas comunidades formam uma região que se desenvolveu em torno do Rio Maruanum que tem aproximadamente 15 km de extensão e representam um contexto cultural e ecológico muito rico com beleza exuberante, característico da Amazônia. Maruanum é afluente do rio Matapi, o qual deságua no Amazonas, perto da foz, portanto, os dois Rios Matapi e Maruanum estão sujeitos a marés, as quais influenciam todas as atividades.

O acesso ao Distrito pode ser realizado via fluvial pelo rio Matapi, e por via terrestre, através da BR 156, a qual interliga Macapá a Laranjal do Jari. Para que os moradores possam ter acesso a Capital, existe uma linha de ônibus itinerante que faz esta interligação Capital-Comunidade, na qual é cobrada uma tarifa de 10,00 reais.



Figura 01: BR 156.

Fonte: Pesquisa de campo, Julho/2011.

O dia que se pode ter acesso ao transporte é de segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira; a viagem tem a duração de aproximadamente uma hora e meia. Além do transporte convencional, os moradores podem optar pelo transporte particular que é feito por aqueles da própria comunidade que possuem seu veículo próprio, o valor cobrado fica entre 10,00 e 15,00 reais por passageiro.

1.1 - ORIGEM DA COMUNIDADE

De acordo com as pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Amapá (Meggers e Evans 1957, Hilbert 1957), o povo mais antigo, com vestígios localizados até hoje, teria sido, muito provavelmente com a ocupação pelos grupos Aruã no século XIII da nossa era (Simões 1972). Em começo do século XV, os Aruã teriam imigrado para as ilhas da foz do Amazonas (Caviana, Mexiana e Marajó) expulsos, segundo Meggers e Evans, por povos vindo do Sul. Esses povos seriam pertencentes à fase arqueológicas Ariste (Meggers e Evans 1957). Um sítio habitação dessa fase fica alguns quilômetros ao norte da região em estudo, no rio Matapi: Sítio.

Durante um século, de 1650 a 1750, as lutas entre franceses e portugueses pela Costa do Amapá ocasionaram a migração para o interior de diferentes grupos étnicos. Os Maruon poderiam ter habitado na região dos rios Matapi e Maruanum, penetrando desde a Costa e descendo pelo Rio Araguari (Grenand 1987). Na defesa do território do Amapá do avanço dos franceses e ingleses, os portugueses construíram vários Fortes: Araguay (1660); Santo Antonio de Macapá (1686); Batabouto (1688), Curiaú (1761) e, por fim, o de São José de Macapá que deu origem à cidade de Macapá em 1782. (Amapá... 1986 e Reis).

A população do Maruanum está integrada pelos descendentes dos grupos indígenas que ali habitaram no passado e pelos remanescentes dos escravos africanos trazidos no século XVII, quando da construção dos Fortes do Curiaú e Macapá.

Há duas versões acerca da origem do nome Maruanum apresentadas pelos moradores. A primeira diz respeito aos primeiros moradores: Maru (homem) e Anum (mulher) estes sendo um casal de índios, e qualquer visita direcionada aos índios pelos moradores adjacentes era dita a seguinte afirmação: - “Vamos visitar Maru e Anum”, e com o passar do tempo e fazendo a união destes dois vocábulos se formou o nome Maruanum. A segunda versão remonta a uma época de recém-habitado o lugar e sem denominação, a Dona Maria José nos relatou que: “No fim de uma tarde, algumas pessoas estavam fazendo limpeza na beira do rio, e avistaram um bando de anum

voando na beira do rio, e ali concordaram que anum seria um bom nome, e depois veio a mudar para Maruanum”.

O nome do distrito não se diferencia de algumas outras localidades do Amapá, como por exemplo: São Joaquim do Pacuí, São Pedro dos Bois, que em seu prefixo possui a influência do catolicismo português, aonde através das missões religiosas chegaram aos locais de difícil acesso para catequizar e dar o nome nessas comunidades, e quando já existentes se incluía o nome do Santo antes do nome dado pelos moradores, isso se confirma no nome Carmo do Maruanum, em homenagem a Nossa Senhora do Carmo.

1.2 - INFRAESTRUTURA

O distrito do Maruanum possui como infraestrutura, energia elétrica (básica) funcionando 24 horas por dia, fornecida pela Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA). Anteriormente, a Companhia de Eletricidade para produzir energia na comunidade, utilizava um gerador, espécie de motor que funcionava a óleo diesel; a energia gerada se limitava apenas à localidade do Maruanum. Mas com a ampliação da rede elétrica, passou a abranger todas as comunidades adjacentes.

Maruanum dispõe de água tratada proporcionada pela Companhia de Água e Esgoto do Amapá (CAESA). Há também outros serviços que as pessoas usufruem como a telefonia móvel, fixo e internet. Uma das vantagens dos maruanenses por se situarem próximo ao município de Macapá é que se tem acesso a todas as operadoras (TIM, VIVO, OI, CLARO); já a internet, quem possui celular compatível ou modem pode acessá-la. A escola também é outro local que possui serviços de internet através de uma antena (via rádio), os alunos podem realizar pesquisas e elaborar trabalhos bem como ter aulas de informática, uma vez que existe uma sala equipada com oito computadores na escola.

Existem dois postos de Saúde: um no Distrito do Maruanum e o outro em Santa Maria, distante aproximadamente 60 km. O posto de saúde do distrito oferece serviços básicos que vão desde consultas, vacinas, exames de malária, exame preventivo do câncer do colo do útero (PCCU) e emergências de menor gravidade. Os pacientes com doenças mais graves são encaminhados para Macapá da mesma forma os que procuram atendimento especializado.



Figura 02: Posto de Saúde do Carmo do Maruanum.
Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2011.

Na condição de Distrito, Maruanum tem uma subprefeitura, a qual tem a atribuição de representar o prefeito, recolhendo as reivindicações da comunidade no que concerne aos problemas de âmbito municipal.

A vila possui uma base policial, cujo posto é improvisado com estrutura de madeira e comporta no máximo dois soldados para atender pequenas ocorrências. As ocorrências policiais mais graves são levadas para Macapá. Os casos considerados mais graves são de responsabilidade da patrulha policial, munido de um único veículo que faz a segurança, também serve de ambulância para transportar os pacientes.



Figura 03: Posto Policial improvisado da Comunidade do Carmo do Maruanum.
Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2012.

1.3 - CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS

Isolada pela falta de estradas que ligam a capital de Macapá, a localidade do Maruanum se baseava na pesca, na caça e na agricultura, além de produção de utensílios de cerâmica, cestaria e a produção de derivados da mandioca (farinha, tapioca, tucupi).

Até pouco tempo atrás esses grupos (moradores das zonas rurais) viviam isolados na Amazônia, praticando a pesca e agricultura de subsistência. Com o traçado de caminhos e estradas vincularam-se a Macapá, capital do Amapá, e à sociedade industrializada o que esta alterando, em ritmo acelerado, as suas tradições(CORIOLO, 1988, p. 72).

Atualmente, a economia da Vila do Maruanum se concentra entre os salários do funcionalismo público, agricultura e pecuária.

Serviço público

O setor que contribui para a economia da região vem do funcionalismo público, absorvendo uma pequena parcela da comunidade maruanense. As repartições públicas que empregam os funcionários são: um posto da Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA), lembrando que o posto da CEA se encontra desativado atualmente. Um posto Companhia de

Água e Esgoto do Amapá (CAESA), as duas escolas, uma estadual e outra municipal. Há ainda o posto do Rurap, um posto de saúde e o posto policial.

Agricultura e pecuária

Em relação à agricultura, os principais produtos agrícolas cultivados na comunidade são: abacaxi, maracujá, graviola, cupuaçu e mandioca para produção de farinha, tucupi e tapioca. Aliás, bem menor como nos anos anteriores, assim como a pesca e a caça, que anteriormente eram os principais meios de subsistência deste povo. Já na pecuária, apesar de não ser uma área preponderante para economia, há a criação e venda de carnes geralmente de búfalos na localidade, porém, o fornecimento de carne não é rotineiro, se faz no mínimo duas vezes ao mês, além disso, a produção de outros derivados como queijo e leite.

Há ainda no distrito a criação de caprinos, suínos e aves, que por sinal muito freqüente na região campestre e de relevos, o que contribui para o investimento de animais desse porte.



Figura 04: Criação de Caprinos.
Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2012.

A agricultura assim como a pecuária é ainda fundamental fonte de sustento da maioria das famílias do maruanum, principalmente da agricultura, onde podem plantar uma variedade de frutas (laranja, banana etc.) ainda os tubérculos: como a macaxeira e a mandioca. Da mandioca se

produz a farinha, o tucupi, a tapioca; que são vendidos nas feiras de Macapá, no período de 15 em 15 dias.

Antes, quando existia algum excedente da produção agrícola, alguns caboclos iam até a beira da estrada ou do caminho para tentar vender seus produtos. Foi a partir de 1985 que o governo passou a enviar todas as semanas o caminhão da prefeitura para levar os produtores e os seus produtos para a feira do agricultor, que se realiza todas as sextas feiras (CORIOLO, 1988).

Embora seja uma região de criação de bubalino, ocorre escassez de carne. A localidade ainda não possui açougue, o produto (carne) é oferecido em frente a um comércio, por ali mesmo, sem condições mínimas de conservá-las (frigoríficos), evidenciando dessa forma, a dificuldade da venda do produto por parte dos criadores de bubalinos, pelo menos duas ou três vezes por semana na comunidade. Acarretando, dessa maneira, a busca dos moradores pelo produto na capital Macapá.

Na vila existem três comércios pequenos que vendem apenas congelados (frango, embutidos), além disso, o necessário como: arroz, feijão, farinha e outros. Também se nota que não existe padaria, (que particularmente sentimos falta, dado ao costume da cidade de consumir pão no café da manhã), na falta do alimento (pão), os moradores se nutrem no café da manhã com o beiju¹, ou quando tem a oportunidade de ir à Macapá, costumam comprar quantidades maiores de pães, para durar pelo menos uma semana, ou saciar a vontade.

Torna-se relevante citar outra fonte de economia muito significativa e de grande relevância para os habitantes da localidade: a produção e venda de louças feitas de argilas, confeccionadas pelas louceiras do Maruanum, a qual se abordará com mais detalhe adiante neste trabalho. Maruanum não dispõe ainda de posto de gasolina, lojas de roupas, agências de correios, agências bancárias. Os moradores para ter acesso a esses serviços precisam ir até a capital.

1.4 - EDUCAÇÃO

Maruanum possui duas escolas: uma Municipal de nome Vô Lixandre, criada em 2010, é uma escola voltada para o ensino infantil. A outra escola de nível Estadual inaugurada em 2006, cujo nome é Prof. Raimundo Pereira da Silva, de ensino fundamental e médio que atende tanto aos seus moradores como aos de outras localidades. As duas escolas Municipal e Estadual só

¹Bolo de massa de tapioca ou mandioca

foram possíveis no ano de 2000 devido às reivindicações do povo maruanense para uma educação voltada para o campo rural, visto que, até 2005 não seria possível os alunos nesta época frequentarem uma escola de ensino médio, para isso, precisariam deslocar-se para Macapá, o que disporia de despesas (moradia, alimentação, vestimentas, etc.). Com a implantação das escolas, tornou-se assim possível o acesso aos primeiros anos de estudos das pessoas que moram na comunidade. A escola Raimundo Pereira da Silva que presta ensino fundamental e médio tem uma boa dimensão, proporcionando aos alunos um ambiente com condições para estudar. As aulas são dadas pela manhã e a tarde. Oferece ensino de 1ª a 4ª (ensino regular) e de 5ª e 8ª série até ensino médio, que são ministradas por meio de módulos.



Figura 05: Escola Estadual Profº Raimundo Pereira da Silva.
Fonte: Pesquisa de Campo, Janeiro/2012.

O ensino modular é uma forma de atender as comunidades onde não seja viável montar um ensino normal, isto é, regular, uma vez que a localidade não possui estrutura para isto. O SOME (Sistema de Organização Modular de Ensino) foi criado em 1982. Nesta forma de ensino os períodos de aulas são distribuídos por módulo. Cada módulo compreende três disciplinas que perduram por três meses. A escola não oferece educação de jovens e adultos (EJA). Uma questão colocada em relação ao ensino modular, por uma moradora da comunidade e umas das representantes das festividades, é que após aplicação da modalidade de ensino, com o tempo,

surgiram críticas por parte de alguns pais de alunos, pelo fato de não ser um ensino completo, semelhante ao que é dado nas escolas das cidades, (durante o ano todo) o ensino por modulo, segundo eles, é fragmentado, insuficiente para o aprendizado dos jovens.

Na ocasião, em uma dessas visitas na escola Prof. Raimundo Pereira da Silva, conhecemos a professora de ensino modular da disciplina de Artes. Recebemos o convite para observar uma de suas aulas, que ocorreu no dia 13 de Janeiro na turma de (7º série), no turno da manhã.



**Figura 06: Aula realizada no dia 13 de Janeiro/2012, na Escola Estadual Profº Raimundo Pereira.
Fonte: Pesquisa de Campo, Janeiro/2012.**

O horário normal das aulas é das 07 da manhã até às 12 horas. Os transportes que trazem os alunos são providos pela escola, muitos vêm por via terrestre, outros que moram do outro lado do rio maruanum vêm de voadeiras, barcos a motor e canoas. A participação na aula se fez na 7ª série do ensino modular. O tema estudado é “Cultura Afro-Brasileira”, o objetivo, segundo a docente, é de resgatar as raízes africanas esquecidas pelos alunos. Enfatizando que o tema abordado nas aulas vem somar com a pesquisa em foco, uma vez que se busca estudar as mudanças nas tradições e costumes da comunidade em questão. A aula de arte é dinâmica (envolve música e participação dos alunos). O tema proposto na aula se estende até o final do módulo, culminando com oficinas de mostras culturais produzidos pelos alunos.

2 - ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

2.1. Família e sociabilidade no Maruanum

As famílias na comunidade do Maruanum são extensas, constituídas geralmente pelo pai, pela mãe, filhos, avós, netos, tios, primos. Algumas dessas famílias têm preferência por habitarem no mesmo espaço territorial, isto é, costumam construir suas moradias uma do lado da outra, desenvolvendo assim uma identificação, isto é, dando origem a uma pequena localidade ou vila. Um exemplo é a localidade de Santa Luzia que faz parte do distrito do Maruanum, sua criação se deu a partir de uma família, assim como em outras localidades São José, Conceição, todos pertencentes ao distrito maruanense.

Afirmado logo abaixo pelo Sr. Matias²:

Olha, ainda existe família com família. Só que já mudou também com a entrada de pessoas estranhas. Na verdade a maioria ainda é parenta, moram por vila. Por exemplo, Santa Maria é um pequeno vilarejo chamado de Maruanum II. É uma família. Temos São José! É uma família! Conceição é uma família! Santa Luzia é uma família. Aqui já está bastante mista em função da entrada de pessoas de fora.

Para o vice-líder comunitário ainda existem localidades formadas da junção de duas ou mais famílias, ou seja, constituída por parentesco, onde o processo de desenvolvimento dessas localidades resultou de pessoas que nasceram e casaram com grupos de uma mesma comunidade ou bem próximas dali, são os casos da vila São José, vila do Maruanum II e vila de Conceição, são exemplos de localidades formadas pelos princípios de afinidade e consanguinidade, sem intermédio de pessoas oriundas dos centros urbanos, por exemplo, os de Macapá. Segundo Batalha (2007):

O parentesco é assim o resultado da conjugação de dois princípios: afinidade e consanguinidade. O primeiro traduz a relação de parentesco estabelecida entre dois grupos distintos, através do casamento de um homem e de uma mulher, portanto um de cada grupo. Desse modo, o casamento não significa apenas uma ligação entre duas pessoas, mas de grupos a que elas pertencem. O princípio de filiação traduz uma relação consanguínea, isto é, agrupa pessoas que partilham entre si mesmo patrimônio genético (pais, filhos, avós, irmãos).

Nota-se nas análises de Batalha, que o parentesco se estabelece através de dois relevantes princípios: o da afinidade e o da consanguinidade. O casamento seria o primeiro vínculo de parentesco, que resulta da afinidade de um homem e de uma mulher. Entende-se aqui não apenas

²Matias Pereira Gomes (76), morador da comunidade e vice-presidente da associação dos moradores do Maruanum.

a união de duas pessoas, mas de duas famílias, de dois grupos que passam, portanto, a estreitarem as relações através dessa união. Outro índice de parentesco é o de consanguinidade, para o autor, se resume de um ponto em comum (fator genético) que passa assim, a agrupar pessoas a partir de um ascendente (filhos, pais, avós, irmãos). Nesta mesma perspectiva, Arnaldo (2007) diz que:

Dentre os diversos agrupamentos sociais existentes, destaca-se o de pessoas formado de parentes, cujo liame ou ponto comum da união ou aproximação está numa das seguintes ordens: ou o vínculo conjugal, quando o casamento une o homem e a mulher; ou a consanguinidade, pela qual as pessoas possuem um ascendente comum, ou trazem elementos sanguíneos comuns, denominado também parentesco biológico ou natural.

Em uma de nossas visitas na comunidade do Maruanum, percebemos que os moradores possuem parentesco por afinidade. Conforme Arnaldo (2007), pela afinidade cujo parentesco é em virtude da lei e se forma em razão do casamento, envolvendo o marido ou os familiares da mulher, ou vice versa, isto é, a afinidade advém do vínculo conjugal entre o marido e a mulher, e se exterioriza com a relação que liga uma pessoa aos parentes de seu cônjuge (sogro, sogra, genro, nora, padrasto, enteado, cunhado).

Um exemplo disso pode se constatar na família de uma moradora (Sra. Catarina) que reside na comunidade desde o seu nascimento. Sua mãe, de sobrenome Chagas, é originária de uma localidade denominada Casa Grande e casou-se com seu pai, morador do Maruanum, de sobrenome Pereira Costa. Do casamento nasceram nove filhos, todos nascidos e criados no Carmo do Maruanum. A Sra. Catarina bem como seus irmãos, casou-se com pessoas de famílias que habitavam em diferentes comunidades, tais como: Igarapé do Lago, Torrão do Matapi, São Joaquim do Pacuí, Macapá e da própria comunidade do Maruanum. Um exemplo de como se constitui a linha de parentesco na comunidade pode ser percebida com o casamento de um dos irmãos de Catarina com a filha do Sr. José Pereira Lemos morador da comunidade maruanense. A união dos dois descendentes de famílias distintas estabeleceu vínculos de parentesco entre as famílias dos casados, os filhos nascido deste casal passam a ampliar a afinidade de parentesco entre as famílias envolvidas, que passam a ter tias, tios, avós, bisavós, tanto por parte do pai como por parte da mãe. Isto amplia e fortalece os laços afetivos, mantendo dessa forma o vínculo e a extensão do parentesco no interior da comunidade.

Dado que, “o vínculo familiar em parte alguma termina com os pais e os filhos, porque os pais têm seus pais, avós, tios, tias, irmãos, irmãs e primos, aos quais se estende o vínculo do parentesco.” (HOEBEL e FROST, 1993, p.221). Portanto, entende-se a necessidade e a

preocupação da comunidade Maruanense em manter sua identidade e cultura, uma vez que dependem de suas gerações para dar continuidade. E o parentesco, uma tendência imprescindível para a manutenção e conservação de uma localidade, também se estabelece como base sólida das culturas locais.

Em todas as sociedades, o efeito que dá solidez a estes vínculos é bastante forte para produzir uma rede de relações especiais entre parentes que constituem o grupo de relacionamento que se distingue como uma unidade dentro da sociedade maior.(HOEBEL e FROST, 1993)

Todavia, no Distrito do Maruanum isso não vem ocorrendo mais, com a absorção de novas pessoas na comunidade através do casamento e também com a doação de lotes de terras pela comunidade a pessoas da cidade (casos da Família Bitencourt e Tork que veremos mais a diante) contribui para a descaracterização da formação do agrupamento familiar (parentesco), atrelada a isso aos meios de informações (casos das mídias) produzem diversos tipos de problemas e colocam a tradição do povo maruanense em crise, através de problemas, tais como: a quebra de regresse relação do respeito ao casamento, o respeito aos mais velhos, a idade para o namoro entre os jovens, a atenção e respeito aos rituais dos festejos e diversos outros aspectos. Como nos coloca o senhor Matias quando se refere ao namoro hoje:

“O namoro mudou muito, completamente diferente, antigamente namoro era quase que segredo, o rapaz custava a se declarar porque era aquele respeito de pai pra filho, o filho não tinha idade pra namorar, hoje dia não, o namoro ficou muito mais claro, hoje uma moça de doze ou quinze anos já namora, namorou já dorme junto. Comparo o namoro hoje igual ao casamento namorou já tem direito.”

Os pequenos vilarejos, de acordo com o senhor Matias, são os que ainda mantêm através do parentesco a prática de casamento. Entretanto, o mesmo não se dá mais com os maruanenses, devido à chegada de pessoas de fora ou a saída de pessoas da comunidade para outros lugares em busca de trabalho, e também pelo fato da aproximação do distrito do Maruanum à cidade de Macapá, faz com que os moradores se desloquem com frequência para o centro urbano em busca de serviços (bancos, supermercado, hospitais etc.) o constante contato com a cidade acaba por influenciar seus comportamentos, vejamos o do namoro citado pelo Sr. Matias, que segundo ele, havia a idade para se namorar e quando chegasse o momento para o jovem namorar, havia a vigilância dos pais. Atualmente, namorar não é mais interessante para os jovens, mais “ficar” seria o termo mais adequado para os novos tipos de relacionamentos.

Outra questão colocada se refere ao valor da reverência aos ancestrais pelos mais jovens, ou seja, o ato de tomar bênção às pessoas mais idosas, reverenciadas pela sabedoria e conhecimento que trazem durante suas vivências do lugar que habitam. Ainda seu Matias, diz que pouco se vê no cotidiano um jovem tomar bênção do pai, da mãe e dos avós. Sobre o hábito de cumprimento e respeito, diz ele:

Tá quase acabando. Eu tive a oportunidade de ir a um Congresso em Brasília, representando o Estado do Amapá. De cada Estado, tinha um representante; na época eram vinte Estado. Então, chegavam de manhã àquelas moças colocavam a cara na janela e diziam: bom dia pai! Bom dia mãe! Nunca vi uma pessoa tomar bênção, aqui no interior ainda acontece à bênção, por acaso, o meu filho sai e na hora que chega ele toma bênção. Mas fora isso, não existe mais. Quanto que na minha criação era na hora que eu saia pra ir pro outro lado da casa do vizinho, eu tomava tomar bênção, quando eu chegava tinha que tomar bênção, qualquer hora que eu saísse tinha que dar satisfação e inclusive com a bênção. Acabou isso, mas não tem mais esse negocio. Com dois filhos meus já não acontecem mais isso.

Desse modo, notam-se nas falas do Sr. Matias um conflito de gerações no que se refere às regras de convivência. Na sua época, segundo ele, existia o respeito mútuo, a obediência e a boa educação dos filhos para os pais. Destacando para tanto, a questão das regras no convívio em sociedade como formas coercitivas de manutenção das instituições.

Para Malinowsk (2003) em seus estudos com os nativos descreve a coerção social, o respeito pelos direitos em vigor e pelas reivindicações dos outros predominam sempre, tanto na mente dos nativos como em seus comportamentos uma vez compreendidos. É também indispensável assegurar o harmonioso funcionamento de suas instituições.

Neste sentido, as regras funcionam para manter uma sociedade em pleno funcionamento, para isso é necessário que todos dela que participam acatem regras estabelecidas e compreendam que os direitos de todos os indivíduos deve sempre prevalecer, em outros termos, é preciso que todos os indivíduos para manter seus direitos respeitados e resguardados devem se sujeitar as por obrigação, porque delas dependem suas sobrevivências. Ao passo que o desvio das regras leva o individuo a parecer desordenado, perdido dentro dessa sociedade. No que se refere às regras sociais Malinowski afirma que:

De modo geral, as regras são seguidas porque sua utilidade prática é reconhecida pela razão e comprovada pela experiência. Outras recomendações de como se comportar-se no convívio com os amigos, parentes, superiores, iguais etc. são obedecidas porque qualquer desvio faz o homem sentir-se e parecer ridículo, desajeitado, socialmente grosseiro. (Malinowski, 2003, p.44).

Desse modo, o afrouxamento das regras na pequena comunidade do Maruanum tem surtido efeitos, mas que podem ser percebidos nas práticas dos mutirões (atividades praticadas em separado pelos homens e pelas mulheres) onde todos os habitantes se reuniam para produzirem suas subsistências agrícolas (farinha, tapioca, tucupi, etc.) Segundo Coriolo (1988), os habitantes do Maruanum realizam todas as suas atividades em mutirão, a intercomunicação e a cooperação entre os grupos são muito fortes. Nas tarefas cotidianas, existe não obstante, uma divisão de caráter sexual. Dessa maneira, o declínio da força dos grupos nas atividades agrícolas decorre dos projetos assistencialistas do governo (bolsa família, cestas básicas) gerando na comunidade uma dependência desses serviços governamentais, e deixando de produzirem próprias fontes de renda.

Outra questão levantada é em relação ao respeito na comunidade, embora ainda predomine o ato de pedir bênção na localidade, é bem menos como no do tempo de juventude do Sr. Matias e os de sua geração. Valores como a solidariedade, a moral, a responsabilidade e a afetividade cultivadas e ensinadas no seio familiar, estão deixando de serem exercitados, principalmente pelas famílias constituídas ainda jovens (adolescentes que casam muito cedo). Estes conjuntos de valores que deveriam ser seguidos de forma respeitosa, já não são vistos como algo tão importante para a juventude maruanense, por exemplo, quantos ao aprendizado das tradições dos seus antepassados, são poucos os jovens que ainda acreditam e seguem as tradições de seus ancestrais.

“Segundo Silveira e Juliana (2009), O respeito nunca está relacionado aos objetos, mas somente às pessoas, pois se trata de um reconhecimento à moralidade do outro que se apresenta a mim. O sentimento moral que o respeito pela lei moral incita, inspira o dever, em que a ação é determinada pela vontade.”

O respeito, dessa forma, é um sentimento inerente aos grupos humanos, construído dentro das relações em sociedade, isto é, em coletividade. Dessa maneira, considerar o outro em seu conjunto de valores morais é respeitar sua maneira de ser perante a mim. No meio social o indivíduo dotado de um sentimento moral é estimulado pelo dever e pela vontade a servir de exemplo aos outros sujeitos sociais. Dessa forma, nos jovens do Maruanum o respeito moral aos anciões, a família, aos rituais e festejo dos santos estão deixando de ser construídos no meio familiar e social. Nos rituais e festejos da Nossa Senhora do Carmo, por exemplo, observou-se uma reduzida participação dos jovens. Entretanto, se fazem presentes em maior público nas festas dançantes, onde os ritmos (músicas, parafernália) são atrativos que interessam e atraem a

camada mais nova da comunidade, deixando claro suas preferências por estilos e gostos dos jovens da capital.

É relevante citar também as principais famílias da Comunidade que residem desde a sua criação, sendo estas: Família Silva, Família Gomes, Família Ramos, Família Chagas e a Lemos.

Enfatizando que os preparos para a festa em louvor a Nossa Senhora do Carmo, as famílias ficam responsáveis, uma por dia, de organizar e fornecer alimentos no final de cada novena. O novenário (duração de nove dias), por exemplo, que deu início no dia 07 de Julho (sábado) em 2012, a família Costa e Silva ficou a cargo de promover a novena e de ser a festeira, ou seja, a que fica responsável pela organização da festa (patrocínio: atrações musicais, alimentação, bebida, segurança etc.). E assim, no dia 08 de julho (domingo) família Gomes, no dia 09 de julho (segunda-feira) família Ramos da Silva, no dia 10 (terça-feira) família Siqueira Costa, no dia 11 (quarta-feira): as famílias Bitencourt e Tork. Enfatizando com relação a essas duas últimas famílias, suas primeiras participações este ano nos festejos da Nossa Senhora do Carmo.

No dia 12 (quinta-feira) a família Moura, as famílias Silva e Lima, no dia 13 (sexta-feira) família Lemos. Ressaltando neste dia uma homenagem ao senhor José Pereira Lemos o seu “Quincas” como é conhecido no Maruanum. Morador antigo, muito querido pela comunidade e um dos mais festejados, quando se trata de comemorar os seus aniversários. Comenta-se por lá quando seu Quincas faz aniversário é uma das maiores (festa de aniversário) de toda a localidade. Já dia 14 (sábado), toda a Comunidade se mobiliza para preparar a festa desse dia. E no dia 15 (domingo) a família Araújo Lemos. Encerrando os festejos, é realizada uma Missa e Procissão no dia 16, ocorrendo numa segunda-feira.

2.2 – O cotidiano dos moradores

Ao contrário do centro urbano de Macapá, capital do Estado do Amapá, a vila do Carmo do Maruanum apresenta-se com pouca movimentação de pessoas durante o dia-a-dia. As pessoas que ainda sobrevivem do setor primário, isto é, agricultura, pecuária e pesca cedo se direcionam aos seus terrenos localizados próximo à vila para trabalharem, que além da assistência do governo como a Bolsa Família e Aposentadoria, essa é uma das formas de subsistência da comunidade.

O deslocamento de pessoas durante o dia é a ida aos pequenos estabelecimentos comerciais presentes ali, estes no total de três, um localizado no balneário próximo à margem do rio Maruanum, e dois no centro da vila, especificamente na rua principal.

Outra movimentação é a chegada de pessoas na comunidade por meio fluvial, oriundas de comunidades adjacentes, que geralmente vêm em busca de assistência médica no Posto de Saúde Municipal como: a busca de remédios, realização de consultas rotineiras, e quando necessário, a realização de compras de gêneros alimentícios.

Pela parte da noite, a partir das 20h30min o que se vê no entorno da comunidade é a ida de um grupo de jovens para a área lateral do campo de futebol, o qual se tornou ponto de encontro dos jovens que ficam sentados na arquibancada, portando cada um seu celular. Esses jovens juntam-se nesse local para ouvir música e conversar, sendo esta uma prática rotineira noturna. Vale ressaltar, que neste horário as pessoas mais velhas já se encontram em suas casas assistindo televisão ou já dormindo.

Sábado e domingo são dias reservados ao lazer, onde o ponto de aglomeração é no balneário e no campo de futebol, neste último ocorrem geralmente torneios, em que não só os jogadores comparecem, mas também seus familiares como: esposas, filhos que vão prestigiar as partidas de futebol.



Figura 07: Jogo de Futebol na arena do Carmo do Maruanum.

Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2012.

2.3 - Aspectos culturais do Maruanum: artefatos e festas

Outra prática que faz parte do cotidiano e da cultura do povo do Maruanum é a fabricação de utensílios artesanais pelas mulheres daquele local, as quais são conhecidas como louças do Maruanum, famosas e reconhecidas não apenas pela comunidade, como também pela capital de Macapá. Por ser uma produção que requer todo um ritual de preparação do artefato, como a retirada da argila (barro esverdeado), que é preciso buscá-lo em outro local afastado da comunidade, trajeto feito por caminhadas ou de canoa. A tarefa exige um número considerado de pessoas. Tratava-se de uma atividade executada antes somente por mulheres, mas ultimamente os homens ajudam na busca e trajeto do barro, mas no processo de produção das louças cabe exclusivamente a elas, que devem estar preparadas para esta tarefa.

Estar preparada de acordo com o ritual implica dizer que a mulher não deve estar menstruada, manter abstinência sexual na noite que antecede a extração da argila, ou estar grávida, pois, a mulher precisar estar pura. Caso o faça sem respeitar uma das regras pode

contaminar o barro, ou empanemar³ a argila. Os meses propícios para recolher a argila são em setembro a dezembro.

No dia da retirada da argila, as mulheres acordam muito cedo, por volta das 05h00min, pois o trajeto é distante. O local para a extração da argila é chamado de barreiro, que fica localizado no Torrão do Maruanum, o terreno pertencia a uma antiga moradora, Dona Alexandra, já falecida. Dona Alexandra, a louceira mais experimentada é a “catadora” de barro. (CORIOLO, 1988: 80). Sua especialidade é dizer se a argila esta pronta ou não para a produção das louças.

Depois de feito um buraco de 1.50m de diâmetro por 1.80 de profundidade, a argila é removida, antes, era extraída com paus (pedaços de madeiras), hoje também, pode retirar-se com as mãos. Feitos dessa forma, segundo as mulheres, não contaminam o produto natural, devem-se ser rigorosas quanto a estes procedimentos, não utilizando qualquer outro material (metal, por exemplo) se o fizerem assim como o de outras regras que cercam todo o processo de fabricação das louças, é possível realizar uma boa produção dos artefatos artesanais. “Meus avós, meus tios mais velhos, diziam que se a gente usar o ferro o barro some”, conta a artesã Maria Silva Barbosa.

Além da argila, há o cariapé (casca de planta) que misturado à argila funciona como um ante plástico. O processo de fabricação é feito nas casas das próprias louceiras, cada uma produz seu produto (peça artesanal) e vende pelo preço que lhe convém. Embora, com ajuda do SEBRAE que ajudou o grupo a fundar a associação das louceiras e organizar os preços, todavia, todas têm a liberdade de vender pelo preço que preferir.

³Carregar de forças negativas, enfeitiçar, trazer má sorte.



Figura 08- Louças de argila produzidas pelas louceiras.
Fonte: Pesquisa de Campo, Janeiro de 2012.

Depois das peças prontas, são levadas para a Casa do Artesão (local que vende produtos artesanais) no município de Macapá, onde são vendidas pelo dobro ou triplo do preço que oferecido pelas próprias louceiras em suas residências de fabricação. Algumas dessas senhoras possuem clientes fixos, por apreciarem suas artes em barro, os quais se deslocam para comprar e encomendar louças a preços menores do que encontrado no mercado do município.

2.4- Festividades e religiosidade na comunidade do Maruanum

Os rituais religiosos e festivos são constantes em comunidades rurais, onde os festivos religiosos falam de sua organização social e que se apresentam igualmente como um modo privilegiado de organização em torno do princípio de reciprocidade, como proposto por Mauss (1988). Para esse autor, este princípio vai além da troca, referindo-se ao ritual da troca como mais importante que as coisas trocadas entre si, já que não se trocam coisas econômicas úteis, mas antes de tudo gentilezas, banquetes, ritos, danças, festas etc. A reciprocidade está alicerçada no movimento de dar e receber, retribuir, constituindo laços sociais.

Na comunidade do Maruanum esses tipos de festivos religiosos são constantes. Como já foi citado, a comunidade é constituída por várias comunidades e a maioria delas são nomeadas por nomes de Santos, existindo cinco grandes festas tradicionais dedicadas a Santos católicos: Festa de Santa Luzia (13 de dezembro) e Festa de São Raimundo (31 de agosto), em

Santa Luzia do Maruanum; Festa de Santo Antônio (13 de junho), no Mangueiro; Festa de Nossa Senhora da Conceição (oito de dezembro), no Torrão do Maruanum e Festa de Nossa Senhora do Carmo (16 de julho), em Carmo do Maruanum (não nos deteremos em relatar cada uma das festas pois elas seguem o mesmo processo ritualístico) lembrando que o nosso foco maior é a festa de Nossa Senhora do Carmo. Cada localidade organiza suas festividades e forma suas parcerias. Ressalta-se que a maioria dos moradores é católica, e sendo assim, essa maioria participa das festas religiosas dos santos e do Marabaixo.

Acioly e Salles, em seu Artigo sobre Marabaixo, utilizam alguns autores para contextualizá-lo: o Marabaixo que é um dos elementos que constitui a festividade, tem sua origem africana, e recebe vários significados, uma delas é versão de (QUINTELA, 1992, p. 09), que vem envolvida por sentimentos, ele menciona que o ritmo da batida dos remos nas caravelas que levavam os negros mar-a-baixo, da mãe África ao Brasil, teria sugerido a denominação e até mesmo a batida das caixas. Outra versão afirma o seguinte: o termo Marabaixo é provavelmente uma variação de marabuto ou marabut, do árabe morabit, sacerdote do malês. Portanto, é apenas um resquício ou fragmento do ritual malê, do grande Império afro-sudanês do século XVI (CANTO, 1998: 18-19).

As músicas entoadas no Marabaixo são constituídas de cânticos acompanhadas de membranofones feitos em madeiras esculpidas. Os cânticos são chamados de ladrões, recebem esse nome porque durante a execução, um participante rouba a deixa do outro, e a parte de mote roubado, segue de forma improvisada, compondo-se um novo verso:

Aonde tu vai rapaz
Por esses campos sozinho
Vou construir minha morada
Lá nos campos do laguinho (ACIOLY, 2004).



Figura 09: Prática do Marabaixo.
Fonte: Pesquisa de Campo, Julho de 2012.

A festividade em louvor a Nossa Senhora do Carmo, segundo relatos dos moradores, teve início através de um grupo de lideranças que por iniciativa do professor Raimundo dos Santos Vieira, que convocou seus alunos e fizeram o convite para a comunidade; em seguida se reuniram novamente para indicar o grupo de pessoas que iriam fazer parte da organização da festa.

O grupo foi composto de 10 pessoas sendo eles: Matias Pereira Gomes (seu Matias), José Pereira Lemos (seu Quincas), Pedro Pereira Lemos (Pedro Lemos), Ademar Pereira da Silva (seu Ademar), Rufino Alves da Costa (seu Rufino), Pedro Pereira Leonel (tio Pedro), José Duclelino Brito (seu DuDu), Mariano Picanço Mendes (tio Mario), Alexandre Alves da Costa (tio Alexandre), Raimundo dos Santos Vieira (Professor Vieira). Deste grupo foi eleito como presidente, seu Matias e Rufino vice-presidente, Vieira 1º secretário, Dudu 2º secretário, Ademar 1º tesoureiro e Quincas 2º tesoureiro.

No dia 07 de janeiro de 1963 teve início a construção da igreja e dias depois foi definido o nome da santa. A origem do nome é explicada pelo Sr. Pedro Lemos. Segundo ele, o nome da posse é Carmo e em virtude disso nomearam a localidade de Nossa Senhora do Carmo. Então, por unanimidade foi aceito e construíram um pequeno barraco e no dia 07 de julho do mesmo ano

deu início à festa de Nossa Senhora do Carmo com levantamento do mastro, nove dias antes do dia que se comemora o dia de Nossa Senhora do Carmo.

Com a criação de um grupo para a organização dos festejos, todos os anos os integrantes colaboram com uma quantia em dinheiro para o financiamento na festa. Mais adiante, com o dinheiro arrecadado, o Sr. Dudu comprou a imagem da santa e um padre se incumbiu de fazer a missa em honra e Louvor a Nossa Senhora do Carmo.

Antes da chegada da eletricidade na comunidade, a parte profana da festa era feita por cantadores, ou seja, não havia utilização de instrumento eletrônico, diferentemente de como é feito nos dias atuais, que a utilização de meio eletrônico para as festas dançantes tornou-se um imperativo na festa em louvor à divindade.

De início, podemos ver que os cantadores que utilizavam a voz para agitar à festa foram substituídos por aparelhagem de som de alta potência. Este fato é um dos motivos que chamam a atenção de centenas de pessoas das comunidades adjacentes; pessoas residentes na zona urbana e de outras regiões que participam da festa.

Em nossa visita à comunidade, em julho de 2011, na mesma semana que estavam acontecendo as ladainhas para a passagem para a festa profana, observamos que as preparações para a festa dançante iniciam cedo. Por volta de 05h30min da manhã, já se ouve conversas de pessoas e as mesmas andando pelas as ruas; outros trabalhando na armação do palco onde ficará a “nave” do som JM. Também há moradores construindo barracas para realizar vendas como forma de obter lucros financeiros.



Figura 10: Armação da aparelhagem do som JM.

Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2011.

Participamos do primeiro dia de festa dançante, no dia 15 de julho. A festa foi denominada “Baile da Saudade”, com sons dos anos 70 e 80. Neste dia não houve a presença de um público elevado, relatos da vizinhança confirmam que esse fato de poucas pessoas não é comum.

Outros moradores relatam que desde o episódio que ocorreu em 2009, onde houve uma desordem generalizada, ocorrida no último dia de festa (sábado) partindo primeiro da equipe de som que mesmo a pedido da comunidade se negou a encerrar a festa, pois já eram cinco horas da manhã. Desse modo, a comunidade solicitou auxílio da polícia local, mas foi em vão porque a equipe de som denominada “fã clube do DJ Dinho” se revoltou contra a coerção exercida, incendiando o posto juntamente com a viatura. O número de pessoas que participa da festa diminuiu, pois a comunidade ficou com a fama de que no Maruanum só moram pessoas violentas.

Segundo relato de dona Marciana⁴, tudo isso que aconteceu foi um castigo, pois naquele ano não era para ser realizada a festa dançante em virtude do falecimento de um morador de uma família tradicional da localidade. Por tradição, nessa comunidade quando um morador falecia os familiares próximos passavam um ano sem realizar festas e os demais seis meses. Alguns moradores reivindicaram para a não realização da festa, mas mesmo assim ocorreu, sem o Marabaixo e a ladainha, ocorrendo assim só festa dançante.

Dona Marciana afirmou que tudo tem que ser seguido na ordem: primeiro o Marabaixo e as ladainhas e depois a festa. Segundo ela, por causa dos moradores não seguirem essa ordem ocorreu tudo isso. No entender dela, “festa sem Marabaixo não é festa”.

No segundo dia de festa no dia 16 de julho, a comunidade apresenta um pouco mais de movimentação de pessoas, ela apresenta-se bastante movimentada com sons de aparelhagem de moradores residentes na comunidade.

Às 16 h do dia 16 ocorre a derrubada do mastro – uma espécie de tronco de árvore com mais ou menos 4 metros de altura. O mesmo é erguido e depois é colocada em sua extremidade superior a bandeira com a imagem da santa. Em seu redor são colocados ramos de árvore denominados murta⁵. Também se observou um abacaxi no alto do mastro, simbolizando o agradecimento por uma boa colheita. O senhor Matias afirma que “a derrubada do mastro significa o fim das festividades religiosas e o começo da festa dançante”.

O ritual da derrubada do mastro ocorre com apresentação do Marabaixo, executado pelas mulheres tradicionais⁶ da comunidade, as mesmas descem a rua dançando ritmado por cânticos, bebendo gengibirra⁷. Ao redor do mastro dois homens realizam a derrubada, que consiste na retirada do tronco da terra, e aos pouco o mastro foi sendo baixado. Uma das mulheres pega a bandeira – ato que tem um significado ritual e, portanto, simbólico, pois, o fato de pegar a bandeira significa que a pessoa fica incumbida de ser o festeiro do ano seguinte, arcando com alimentação oferecida aos membros da comunidade no fim da festa.

⁴Marciana Nonato Dias (76), moradora do Carmo do Maruanum .

⁵Gênero botânico que compreende uma ou duas espécies de plantas com flor, da família das Myrtaceas, nativa do sudoeste da Europa e do norte da África.

⁶Mulheres que perpassam através do tempo com seus costumes culturais e sociais.

⁷Bebida tradicional, muito usada nos rituais do Marabaixo, contendo cachaça e gengibre.



**Figura 11: Derrubada do Mastro em frente à igreja de Nossa Senhora do Carmo.
Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2011.**

Por volta das 18h00min podemos presenciar pessoas chegando à comunidade, e a todo o momento chegam ônibus com pessoas para participarem da festa, além de carros e motociclistas adentrando nas ruas da vila, e embarcações provenientes de comunidade adjacentes.

A festa profana começou por volta das 19h00h, bastante movimentada com músicas dançantes em que pessoas de todas as faixas etárias se divertem. Os estilos musicais são praticamente os mesmos presenciados na capital do Estado, pois a novidade tem a boa aceitação por grande parte da comunidade, principalmente quando se refere à opinião dos jovens. Segundo Euller Silva, entre o Marabaixo e o funk sua preferência é o funk. Desse modo, percebe-se que os jovens do Maruanum estão se distanciando suas identidades das manifestações mais tradicionais, que eram praticadas por seus antepassados.



Figura 12: Festa dançante.
Fonte: Pesquisa de Campo, Julho/2011.

LARAIA (2003) demonstra que a cultura é dinâmica, sendo que esse dinamismo decorre do contato com outros sistemas culturais, assim como o fato da sociedade possuir a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los.

Cada mudança por menor que seja representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto por que em cada momento as sociedades humanas são palco do embate entre as tendências conservadoras e inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos (LARAIA, 2003, p.99).

O autor menciona que uma pequena modificação dos hábitos e costumes, pode trazer consequências agravantes para o sistema cultural de uma referida sociedade. Assunto no qual será abordado com mais clareza no capítulo posterior.

3 - MODERNIDADE E TRADIÇÃO

3.1 - O que é Modernidade?

Ao verificar o termo modernidade ao pé da letra, nos vem à significação de algo inovador, ou um novo paradigma exposto. Para a melhor compreensão deste termo, trabalharemos adiante a visão de alguns autores que expõem a significação e as devidas terminologias para tal termo.

Tourane (2008) expõe que quase todas as sociedades são penetradas por novas formas de produção, de consumo e de comunicação, isto é, as sociedades não se encontram isoladas economicamente e socialmente, pois em suas extremidades fronteiriças estão presentes outros territórios com diferentes formas de economia e costume social, e de acordo com a situação pode-se expandir ou retrair-se: “A modernidade é a antitradição, a derrubada das convenções, dos costumes e das crenças, a saída dos particularismos e a entrada no universalismo, ou ainda a saída do estado natural e a entrada na idade da razão (TOURANE, 2008, p. 216).”

Esse autor coloca em uma linguagem figurada que estamos “embarcados” na modernidade e, nesta suposta viagem o indivíduo fica exposto a rupturas e adesão. Do mesmo modo, indica a imagem de uma decolagem, onde o ser é arrancado de forma abrupta do chão da tradição e após perigos nesta viagem, chegaria a um patamar de liberdade e relaxamento.

A sociedade moderna nasce com a ruptura da ordem sagrada do mundo; no lugar desta aparece a separação, mas também a interdependência da ação racional instrumental e do sujeito pessoal. Se a primeira quer ignorar o segundo ela substitui o culto da sociedade e da funcionalidade das condutas; inversamente, se o segundo descarta a primeira, ele degenera em culto de identidade individual ou comunitária. (TOURANE, 2008, p.220).

Desse modo, o autor trabalha o processo modernizador aliado à ruptura da ordem sagrada, isto é, à destruição das religiões, em que o homem passa por um processo de transferência do sujeito de Deus para o Homem, no qual o homem totalmente amarrado em seus laços tradicionais, e ordens teológicas, irá se sobrepuser a um estágio secular, em que somente a razão irá ser o condutor para todas as ações dos indivíduos.

Anthony Giddens (1991) retrata a modernidade fazendo suas análises sobre o foco social, interpessoal e institucional, bem como explicita que apesar dos processos avançados das técnicas científicas globalizadoras, ainda não se vive em um período pós-moderno, mas o globo se defronta no limiar da alta modernidade.

Para melhor conceitualização, Giddens afirma que:

Modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Isto associa a modernidade a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial, mas por enquanto deixa suas características guardadas em segurança numa caixa preta. (GIDDENS, 1991, p.11).

A globalização é uma das dimensões da modernidade (Giddens, 1991), pois ao retornar as economias mundiais antigas, as mesmas eram centralizadas sobre grandes estados imperiais e, dificilmente cobriam toda a área de abrangência do mesmo. Já no capitalismo, este sendo o introdutor do processo globalizador, a economia se integra por meio das conexões comerciais e não possui limites nacionais, desse modo ocorrendo a troca de inovações nos lugares em que antes pareciam impossível por causa do isolamento.

O comportamento do indivíduo no período moderno, como enfatiza Giddens, seria como estivesse conduzindo um carro de “jagrená” em alta velocidade, em condições de má condução, devido ao processo dinamizador num mundo tão descontrolado social e economicamente.

O entendimento para se compreender o moderno segundo (Giddens 2002), estabelece-se não só por uma dimensão, mas sim é a correlação entre os seguintes fatores: o mundo industrializado em que a matéria-prima já não tem nenhuma significação para o consumidor e sim o produto manufaturado. O segundo fator é o capitalismo, pois tal sistema irá interconectar os vários sistemas sociais independentemente do distanciamento e do tipo de moeda.

A modernidade pode ser entendida como aproximadamente equivalente ao “mundo industrializado” desde que se reconheça que o industrialismo não é sua única dimensão institucional. Ele se refere às relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção. Como tal, é um dos eixos institucionais da modernidade. Uma segunda dimensão é o capitalismo, sistema de produção de mercadorias que envolve tantos mercados competitivos de produtos quanto a mercantilização da força de trabalho. (GIDDENS, 2002, p.21).

3.2 - O que é Tradição?

Segundo Bornheim (1997, p.18), o termo tradição tem sua origem na expressão latina *traditio*. O verbo é *tradire* significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração a outra geração. Em segundo lugar, os dicionaristas se referem à relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral e escrito. Para o autor, tradição é o

ato de passar ou transmitir algo para outra pessoa, o que poderia ser um conhecimento seja este de forma escrita ou de forma oral, incumbido esta pessoa ou grupo de pessoas a conservarem estes saberes, o que significa que tais conhecimentos não podem permanecer estáticos, mas aprendido pelos mais jovens e assim em diante.

Na maioria das comunidades rurais, a tradição é passada de geração à geração, mas pode-se observar que atualmente os hábitos e costumes culturais permanecem, mas não como seus antepassados praticavam, porém, alterados, pois novos elementos são instituídos nas tradições.

Na comunidade do Maruanum os rituais permanecem, mas com um novo “traje”, na qual traz consigo tecidos da indústria cultural, aonde eles vão se incorporando numa velocidade lenta e passam a fazer parte da vida social dos moradores da localidade.

De acordo com Nildo Viana, tradição é tanto do ponto de vista da cultura quanto dos costumes conservadores, a mesma visa transmitir, por conseguinte, conservar determinados costumes, crenças, ideias e etc.

Viana afirma que nas sociedades pré-capitalistas as tradições eram mais fortes, generalizadas e resistentes. Mas, em relação às sociedades modernas, elas são cada vez mais fracas restritas a grupos e menos resistentes.

O que se observa na prática, o tradicional comparado com o meio urbano e rural tem seus contrastes, mesmo que no meio rural as tradições permaneçam, acabam adotando outras características. Tal fato se observa no Maruanum, onde existem elementos que constituem a tradição como o ato de festejar a Nossa Senhora do Carmo.

Giddens menciona que poucas pessoas, em qualquer lugar do mundo, podem continuar sem consciência do fato de que suas atividades locais são influenciadas, às vezes até determinados, por acontecimentos ou organismo distantes.

Os moradores recebem influências de elementos vindos da zona urbana que aos poucos vão mudando seus hábitos, pois podemos observar que os jovens preferem a cidade sendo que na visão deles na localidade não há nenhum tipo de atrativo. O jovem Jeová que hoje mora na cidade afirma que “ficar no Maruanum é atraso de vida, que é um lugar apenas para passeio não para morar”.

As tradições, segundo Edward Shils, estão sempre mudando, mas há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência, se é tradicional uma crença ou prática, tem uma integridade e continuidade que resiste ao contratempo da mudança. As tradições têm um caráter orgânico: elas se desenvolvem e amadurecem ou enfraquecem e “morrem”. (GIDDENS, PP 80-81)

O tradicionalismo no Maruanum pode ser compreendido através da festa em homenagem a Nossa Senhora do Carmo, em que neste evento é resgatado o costume praticado pelos precursores da comunidade. Isto é, ocorre a repetição de uma prática que embora o passar do tempo, com a exceção de mudanças observadas, realiza-se em uma mesma data, e também a festa começa a ser planejada um ano antes pelos membros da comunidade, a partir de quando ocorre a derrubada do mastro no penúltimo dia da festa, em que na ocasião do mastro ao ser abaixado quem pegar na bandeira será o festeiro do ano posterior, arcando com a alimentação no período das manifestações religiosas.

Segundo Giddens “A tradição é um meio organizador da memória coletiva”, pode-se observar esta prática organizacional no período dos festejos em que os moradores e os residentes nas proximidades se deslocam junto com suas famílias para “passarem a festa” de Nossa Senhora do Carmo. Os responsáveis pelas ladainhas e pela prática do Marabaixo que são os mais velhos da comunidade, tomam a frente dos rituais, demonstrando principalmente para os jovens que absorvam cada passo dos cerimoniais, pois os mesmos serão os futuros membros que irão assumir a frente das comemorações, e com o objetivo que esses conhecimentos bem como práticas não fiquem esquecidos no tempo, mas sim que essa memória seja sempre vivida e demonstrada a cada ano com a festividade. Este fato demonstra que o cultivo à tradição procura demonstrar e ensinar o que é feito, especialmente o que deve ser realizado pelas gerações atuais e futuras da comunidade.

3.3 - NOVOS HÁBITOS E SOCIABILIDADE ATUAL NO MARUANUM

A televisão e o aparelho celular são os dois principais meios impulsionadores na mudança de hábitos no cotidiano familiar da comunidade. Tal fato pode ser observado na hora das refeições em que a mesa já não é mais o local de encontro entre todos os membros para almoçar ou jantar, mas o que se verifica é que alguns ficam na mesa e outros se direcionam para frente da

televisão. Aliado à televisão, observa-se o uso intensivo do celular por parte dos jovens, onde os mesmos deixam para trás o diálogo familiar (as rodadas de conversa), e colocam em primeiro plano o uso do aparelho.

Os dois meios explicitados acima podem ser considerados como mecanismos tecnológicos que proporcionam o desencaixe (Giddens,1991 pg.30), em que os indivíduos ao transformarem esses objetos em elementos constituintes de sua rotina, acabam por desencaixar (no sentido do abandono) as formas tradicionais de convivência. Isto evidencia a inserção de outros hábitos e valores, oferecidos principalmente pelas propagandas comerciais e pela moda lançada aos telespectadores por intermédio das novelas.

Com a adesão do aparelho celular, proporcionando diversos aplicativos para uso por parte dos jovens, chegam também os novos estilos musicais que são bem aceitos pelos mesmos, temos como exemplo os estilos musicais: funk e melody. Tais formas bastante tocadas nas festas dançantes observadas através das pesquisas de campo.

Os jovens do Maruanum ao terminarem o ensino médio não querem mais permanecer na comunidade pelo fato de acreditarem que continuar na localidade seria um atraso de vida, até mesmo a maioria não quer seguir os mesmos passos de seus avós e pais, ou seja, de trabalharem na roça, esses jovens atribuem para si um pensar da realidade e vão construindo uma nova identidade na qual veem na cidade um lugar melhor em relação à vida profissional deles, como relata Malquias Fujishima⁸:

“Acho que a gente precisa tá mais na cidade, é na cidade que a gente vai encontrar trabalho, na cidade ta mais assim pra nós, tem mais oportunidade e com trabalho a gente vai conseguir estudar e ser alguém na vida, e no interior não, a gente vai ta só naquilo não sei se vai ter oportunidade no futuro, mais aqui em Macapá é mais provável.”

A única coisa que faz falta para eles com esse deslocamento da zona rural para a urbana é a ausência dos familiares (avós e pais), após deslocarem para a cidade começam a trilhar uma nova vida sem os pais, e relacionado com isso Maruanum é o melhor lugar de se conviver, pois ali estão presentes seus familiares. Malquias diz:

“Acho que a convivência no Maruanum é melhor, porque lá a gente ta mais próximo da família, assim porque nós é descendente de lá e a família ta lá, e aqui em Macapá a gente

⁸Malquias da Silva Fujishima (19), morador do Maruanum.

ainda vai ter que conhecer outras pessoas e vai ser difícil conviver com outras pessoas, mais o Maruanum é mais importante por isso.”

Mesmo antes deles se deslocarem para o meio urbano já possuem um modo de pensar diferenciado do que na época de seus pais, já começam a se vestir na “moda”, as músicas de suas opções são mais agitadas, diferente do “bolero” que seus avós e pais dançavam e dançam. Namoro para eles é “ficar” não querem compromisso sério. São mudanças na qual está presente na juventude maruanense, mesmo os avós e pais terem passado para eles costumes e regras, os mesmos se adaptam da forma deles, de maneira que fiquem mais à vontade, como por exemplo, o ato de tomar benção (assunto abordado em capítulos anteriores), muitos têm vergonha ou esquecem o costume pelo fato de conviverem em um novo meio social. A senhora Aldelicia Alves⁹ menciona que:

“Meu sobrinho se despediu de mim como se tivesse se despedido de um amigo: pegou apenas na minha mão como forma de cumprimento, eu disse para ele “Deus te abençoe” e ele imediatamente se lembrou que era para ter pedido benção, pediu desculpas e disse que pelo fato de estar acostumado de cumprimentar as pessoas assim, me sentir como qualquer outra pessoa”

Entretanto, existem jovens que permanecem com o costume de tomar benção, pois o jovem Malquias fala que: “A maioria não tomam benção, mas eu particularmente continuo fazendo o que os meus avós e meus pais me ensinaram.”

Como as tendências inovadoras observadas no Maruanum são bem recebidas pelos jovens, é aberto o espaço para a indústria cultural apresentando um novo modelamento de comportamento vocabular e, sobretudo cultural.

Desse modo, verifica-se que copiam os traços observados na televisão, bem como nos estilos musicais, isto é a indústria cultural se faz presente através da comunicação de massa (rádio, televisão) como conceitua (Adorno 2002), para servir de continuação em seus afazeres, no relacionamento com a família e comunidade.

O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural. A velha experiência do espectador cinematográfico, para quem a rua lá de fora parece a continuação do espetáculo que acabou de ver – pois este quer precisamente reproduzir de modo exato o mundo percebido cotidianamente – tornou o critério da produção. Quanto mais densa e integral a duplicação dos objetos empíricos por parte de suas técnicas, tanto mais fácil fazer crer que o mundo de fora é o simples prolongamento daquele que se acaba de ver no cinema.(ADORNO, 2002, p.15).

⁹Aldelicia Alves da Silva (48), ex –moradora do Maruanum.

Pelo processo intensivo repassado pela indústria cultural, trazendo como seu adjetivo o divertimento e entretenimento, os mesmos passam a ser adotados como uma das tarefas e compromissos imprescindíveis do cotidiano, como por exemplo, a de estar em frente ao televisor em determinados horários, tal prática corriqueira no Maruanum que pôde ser observada.

... a indústria cultural permanece a indústria do divertimento. O seu poder sobre os consumidores é mediado pela divisão que, afinal é eliminada não por um mero diktat, mas sim pela hostilidade, inerente ao próprio princípio do divertimento, diante de tudo que poderia ser mais do que divertimento. Uma vez que a encarnação de todas as tendências da indústria cultural na carne e no sangue do público se faz mediante o processo social inteiro, a sobrevivência no mercado neste setor, opera no sentido de intensificar aquelas tendências inovadoras. (ADORNO, 2002, p. 30).

Então a absorção do ideário consumista proposto pela indústria do entretenimento, vai de encontro com os elementos tradicionais antes praticados por indivíduos participantes de um agrupamento social, isto é, aquilo que antes os norteava é desprezado, e sendo substituído pelo novo como forma de se equiparar com o estilo proposto e com o resto do mundo. Matos propõe que: O processo de exclusão dos indivíduos com relação às realizações espirituais da sociedade não para aí; a indústria cultural destitui os indivíduos de sua “própria cultura” ao desfigurá-la em “arranjos de massa”. (MATOS, 1993, p.72)

Desse modo, verifica-se no Maruanum que o processo dos elementos provenientes da modernidade vai de encontro com as práticas culturais e sociais existentes ali, causando certo desconforto por parte dos mais velhos e dos jovens. Como resultado, observa-se na atitude dos jovens que já não possuem vontade de conviver na comunidade, e muitas vezes se deslocam para Macapá com o objetivo de conseguir um trabalho assalariado, e a constituição de família.

Já os mais velhos, ainda sentem ânimo em conviver na comunidade por apresentar-se tranquila, e os mesmos resistem a todos os processos modernizadores internos e externos que tentam desvirtuar o costume e as práticas rotineiras presentes na comunidade.

No momento atual, vivenciam-se a ruptura ou a transformação do modo de transmissão dos conhecimentos, tais como a moral, as crenças, as ideias, os hábitos e os costumes. Continuar com determinada prática social ou cultural depende tanto daqueles que possuem a capacidade de guardá-los e repassá-los, do mesmo modo daqueles que pretendem seguir com estas práticas. De acordo com Pollack (1989, p.5)

(...) Para que nossa memória se beneficie das dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficiente pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

Neste sentido, não cabe apenas vivenciar determinados momentos, por exemplo, um ritual por um período extenso, como ocorre na comunidade maruanense, seguindo todo um percurso de regras e deveres, mas faz-se relevante que exista uma aceitação da memória de um iniciante com a dos outros de modo que desenvolva vínculos necessários onde todos os envolvidos possam relembrar ou reviver de forma coletiva os acontecimentos.

Na Comunidade do Maruanum, nosso objeto de estudo, vive atualmente num contexto de mudanças de suas práticas sociais e culturais. Nota-se uma mutação gradativamente de seus hábitos, costumes, comportamentos, falas, trajetos e modos de pensar a vida naquela localidade. No tocante, à tradição maruanense posterior ao tempo atual permanecia em um estilo de vida talvez bastante diferente do que se presencia atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho realizado com a população maruanense, oportunizou-se a evidenciar o ofício de um cientista social, especificamente ao antropólogo, em que larga sua rotina diária e vai a campo não se importando pelos eventos extremos que poderão vir a surgir, mas com o objetivo de ficar no centro do seu objeto a ser pesquisado, bem como interagir com o mesmo.

As comunidades tradicionais apresentam-se com certas particularidades e costumes diferenciados da área urbana, isto se observa no Maruanum. Entretanto, nesta comunidade, como uma das objetivações do trabalho verificou-se como já exposto nos capítulos da pesquisa que a mesma está sendo afetada devido os fatores da cultura de massa, e mecanismos tecnológicos que distanciam principalmente os jovens do diálogo familiar e dos costumes proferidos por seus antecessores.

Com relação à primeira indagação levantada na pesquisa, constatou-se que com a chegada dos aparatos tecnológicos na comunidade ocorre o benefício e ao mesmo tempo o malefício, pois com os elementos de comunicação as pessoas ficam atualizadas com o que está acontecendo no mundo, porém o mau uso principalmente por parte dos mais novos ocasiona o distanciamento do diálogo familiar, causando um desconforto na convivência diária, bem como um novo estilo de vida fora da realidade social em que perpassam.

A segunda indagação diz respeito sobre a posição dos moradores frente a tais mudanças, foi possível interpretar que tais mudanças são mencionadas pelos moradores mais velhos da localidade, que relataram exaustivamente sobre tais “angústias” de que brevemente não poderão mais resgatar tais costumes sociais e culturais provenientes da tradição maruanense, pois os jovens não se interessam por tais práticas.

A última indagação levantada neste trabalho aborda sobre quais fatores que levam a ocasionar a quebra da continuidade da tradição local, percebeu-se que com a absorção de elementos de outros meios sociais como da capital Macapá, e meios de comunicação de massa, há ocorrência da inversão de preferências no que se referem a estilos musicais, modas e formas de subsistência.

Diante disso, as três hipóteses a serem averiguadas foram confirmadas, pois os antigos habitantes da comunidade percebem de maneira clara que está acontecendo mudanças súbitas em seus hábitos tradicionais, e os líderes comunitários estão mais voltados para a política partidária do que pelas problemáticas enfrentadas na comunidade, percebe-se isto na fala de um líder da

localidade que de certa forma realiza uma farsa da realidade vista naquele meio. E por fim é visto o embate de dois paradigmas: o do tradicional que prima pela conservação dos costumes, e do moderno sendo encabeçado por novos estilos e costumes muito diferentes dos precedidos pela comunidade.

Diante deste cenário, demonstramos a importância em estudar as comunidades do Estado do Amapá, evidenciando os resultados e consequências das influências do processo modernizador. Bem como abre o estímulo por parte de futuros pesquisadores do ramo da antropologia a adentrarem nestes ambientes de difíceis acessos para coletarem e analisarem a problemática defrontada, com o intuito de enriquecer esta linha de pesquisa em nossa região.

REFERÊNCIAS

- ACIOLY, Sheila Mendes & SALLES, Sandro Guimarães. **Marabaixo: identidade social e etnicidade na música negra do Amapá**. 2004. Disponível em <<http://encipecom.metodista.br/pdf>> Acesso em: 25/01/2013.
- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Trad. Júlia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução a metodologia do trabalho científico**, 9º ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- BECK, Ulrich, Anthony Giddens e Scott Lash. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- Blog do artesanato Sebrae**. Disponível em <artesanatosebrae.blogspot.com/2010-10-01-arcliv.html> Acesso em: 30/10/2010.
- BATALHA, Luis. **Breve análise sobre o parentesco como forma de organização social**. Universidade técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1995.
- CANTO, Fernando. **Água benta e o diabo**. 2º ed. Macapá: Fundecap, 1998.
- COIROLO, Alicia Duran. **Atividades e tradições dos grupos ceramistas do Maruanum (AP)**. trabalho apresentado no 46º congresso internacional de americanistas amsterdam, 1988. Disponível em <<http://repositorio.museu-goeldi.br>> Acesso em: 03/02/2012.
- COSTA, Marco Antonio F. Costa, Maria de Fátima Barrozo. **Metodologia da Pesquisa: conceitos e técnicas**. Rio de Janeiro: Interciência, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura: A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Rio de Janeiro: UNESP, 1991.
- _____. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- Governo do Estado do Amapá/ Festas Populares**. Disponível em <www.ap.gov.br/amap/site/paginas/perfil/festas.jsp> Acesso em 11/04/2012.
- HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOEBEL, E. Adamson. **Antropologia cultural e social**. Tradução de Aurelies Carneiro Silva. São Paulo: Cultrix, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**, 16º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MATOS, Olgária C. F. **A escola de Frankfurt: Luzes e sombras do Iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Crime e Costume na sociedade selvagem**; trad. Maria clara Corrêa Dias – Brasília: Ed. UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989.

POZENATO, Kenia Maria Menogotto e GIROM, LoraineSlomp. **Novas tecnologias nas comunidades rurais: Tv e internet na colônia do RS**, Conexão – Comunicação e Cultura, USC, Caxias do Sul, V. 7, nº 13, Jan. Jun. 2008. Acesso em: 02/02/2012.

QUEIROZ, Sávio Silveira, e RANCHI, Juliana Peterle e TOKUMARU, Rosana Suemi. **Psicologia: reflexão e crítica- constituição das regras e o desenvolvimento moral na teoria de Piaget: Uma reflexão Kantiana**. Pscol. Reflex. Crit. Vol. 22, nº 1, Porto Alegre, 2009.

RIBEIRO, Vanessa Freitas, ALMEIDA, Soneli Chagas e BARBOSA, Jorgenave Mendes. **As louceiras do Maruanum: Um estudo antropológico sobre a produção ceramista e sua representação para a cultura local**, TCC, 2011. UNIFAP, Macapá- AP,2011.

<Simoneguimarães2.blogspot.com/2009/07/blogspot-1555h.> Acesso em 11/04/2012.

WEDIG, Josiane Carine e RENTA, Menasche. **Dádiva e Reciprocidade: Rituais religiosos e festivos na vida camponesa**. IV congresso Argentino latino americano de antropologia rural. Mardel Plata, 2009.

VIANA, Nildo. **Cultura, tradição e memória. A juventude entre a permanência e a ruptura**. Disponível em <<http://www.casadajuventude.org.br/>> Acesso em 31/03/2013.